

**FALA MINHA LÍNGUA?: UMA ANÁLISE DOS RECURSOS LINGÜÍSTICOS DE MODALIDADE EM TWEETS À LUZ DA LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

*Isadora de Vasconcelos Picanço* (UERJ)  
[isadoravpicanco@gmail.com](mailto:isadoravpicanco@gmail.com)

**RESUMO**

No contexto lusófono, o caráter pluricêntrico da língua portuguesa, resultante de contextos diversos, compõe um espaço riquíssimo sob o ponto de vista linguístico, sobretudo no Brasil e em Portugal, países com o maior número de falantes da língua. Considerando a variação linguística, este artigo tem como objetivo, com base na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014), analisar o juízo de valor emitido por falantes brasileiros e portugueses sobre o pluricentrismo da língua portuguesa em situações comunicativas do ciberespaço *Twitter*. Por meio da metafunção interpessoal, será possível identificar o tipo de modalidade adotado, categoria discursiva responsável por materializar essa avaliação, e os recursos linguísticos empregados nos *tweets* desses usuários. Este trabalho, portanto, busca investigar como esses recursos podem revelar as apreciações feitas pelos usuários em suas participações sociais, o que se torna relevante não só a estudiosos da língua portuguesa no espaço lusófono contemporâneo, como também aos avanços da Linguística Sistêmico-Funcional.

**Palavras-chave:**

Modalidade. Pluricentrismo. Língua Portuguesa.

**ABSTRACT**

In the lusophone context, the pluricentric aspect of the Portuguese language, resulting from different contexts, compose a rich area from a linguistic point of view, especially in Brazil and Portugal, countries with the largest number of speakers of the language. Considering the linguistic variation, this article aims, based on Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014), to analyze the value judgment expressed by Brazilian and Portuguese speakers about the pluricentrism of the Portuguese language in cyberspace communicative situations such as Twitter. Through the interpersonal metafunction, it will be possible to identify the type of modality adopted, the discursive category responsible for materializing this assessment, and the linguistic resources used in these users' tweets. This work, therefore, seeks to investigate how these resources can reveal the judgment made by users in their social participation, which becomes relevant not only to Portuguese language scholars in the contemporary Lusophone scene, but also to advances in Systemic-Functional Linguistics.

**Keywords:**

Modality. Pluricentrism. Portuguese language.

## 1. Introdução

Concentrando a maioria dos falantes de língua portuguesa no mundo, o Brasil tende a desempenhar papel importante no futuro da língua e na sua difusão e promoção internacional (Cf. FARACO, 2016). No entanto, o reconhecimento desse papel parece não ter avançado em nível mundial junto aos estudos linguísticos, uma vez que ainda há uma visão eurocêntrica da língua portuguesa. A discriminação do português brasileiro<sup>6</sup>, de acordo com Bagno (2007), deve-se à posição de subserviência em relação ao português de Portugal, como se os portugueses fossem donos da língua ou tivessem feito um empréstimo aos brasileiros. Isso evidencia uma visão deturpada da realidade linguística, já que, por ter uma população 21 vezes maior do que a de Portugal, o Brasil tem mais falantes da língua, o que implica as diferenças de seu funcionamento e de seu uso.

Considerando essa problemática, tem-se como motivação exatamente o juízo de valor emitido por falantes brasileiros e portugueses de língua portuguesa sobre as diferenças que marcam o seu funcionamento em seus respectivos países. Sendo essas as duas populações que apresentam uma taxa relevante no que se refere à penetração da *internet* dentre os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (Cf. MARTINS, 2018), parece oportuno que a análise se dê no ciberespaço, um novo contexto de comunicação e de troca, dada a condição tecnológica atual em cenário de globalização e de redes sociais. Assim, escolheu-se o *Twitter*, uma das redes sociais mais usadas no mundo por possibilitar interação quase imediata entre seus milhões de usuários ativos.

Nessa perspectiva, o *tweet*, prática discursiva do *Twitter*, consolidou-se como o *corpus* deste artigo. Para dar conta do propósito, foram analisados 19 *tweets* trocados entre brasileiros e portugueses, entre os meses de março e abril de 2021, a fim de fazer o levantamento, com base na Linguística Sistêmico-Funcional, dos recursos linguísticos de modalidade utilizados por parte dos falantes para veicular as apreciações feitas sobre a língua portuguesa. Nessa teoria, a metafunção interpessoal dá conta da linguagem como suporte para o estabelecimento e manutenção de relações e para o agir sobre o outro e sobre o mundo. Por essa razão, faz-se base para o direcionamento deste trabalho, pois é a partir do seu Sistema

---

<sup>6</sup> Nesse artigo, não se tem, como objetivo, a discussão das denominações português brasileiro, português americano ou língua brasileira para fazer referência à língua oficial do Brasil.

de MODO que se torna possível tratar da modalidade como categoria discursiva e, assim, analisar de que maneira os falantes de língua portuguesa expressam seu posicionamento no que diz respeito ao português brasileiro e ao português europeu.

Este trabalho, portanto, com o objetivo de colaborar nos estudos da língua portuguesa no espaço lusófono contemporâneo e nos avanços da Linguística Sistêmico-Funcional, é organizado da seguinte maneira: a seção 2 expõe, brevemente, uma discussão sobre o português como língua pluricêntrica; a seção 3 explora o *tweet* como gênero textual emergente; a seção 4 sintetiza a Linguística Sistêmico-Funcional, fonte para o estudo da categoria discursiva modalidade, apresentada na seção 5; e a seção 6, por fim, apresenta a análise de *corpus* e os resultados obtidos.

## **2. *Tweet: o gênero textual emergente***

Definido, pelo próprio site da plataforma<sup>7</sup>, como um serviço pelo qual os indivíduos podem se comunicar e se manter conectados, o *Twitter* se tornou uma das redes sociais mais populares do mundo. Com a possibilidade de escrever sobre qualquer temática, os usuários podem interagir e trocar mensagens rápidas, restritas a um limite de (atuais) 280 caracteres, incluindo os espaços em branco, razão pela qual Recuero e Zago (2010) conceberam o *Twitter* como um micromessageiro. Nessa troca, a materialização da interação é o *tweet*, compreendido como a mensagem que pode conter texto, fotos, GIF e/ou vídeo, evidenciando seu caráter multimodal (Cf. NASCIMENTO; CONCEIÇÃO; LIMA-NETO, 2020).

Os *tweets*, conforme Costa (2012), manifestavam, inicialmente, conteúdo pessoal, como opinião dos usuários ou breves narrativas de suas vidas, mas esse perfil foi sendo modificado à medida que foram surgindo novas possibilidades – imediatas – de interação real e virtual. Apesar da delimitação de poucos caracteres, trata-se de uma rede social efervescente quanto à rapidez de publicação e de acesso, o que propicia “uma interação altamente participativa” em decorrência da natureza do meio tecnológico (Cf. MARCUSCHI, 2008). Por essa razão, tem-se o *tweet* como a prática discursiva realizada no *Twitter* (Cf. COSTA, 2012) em um funcionamento dinâmico que usa intensamente a escrita.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/new-user-faq>.

Nesse dinamismo, o *tweet* é caracterizado por forte volatilidade devido às diferentes motivações por trás de cada postagem feita pelos usuários. As práticas sociais exercidas revelam que os usuários, no intuito de atender às situações comunicativas lá estabelecidas, “acionam tipos distintos de processos de manipulação de gêneros, originando produtos também distintos, porém socialmente reconhecidos” (COSTA, 2012, p. 40). Em outras palavras, os usuários mobilizam a versatilidade e a flexibilidade da língua e manipulam diferentes gêneros textuais a cada interação, recriando-os, o que confirma a defesa de Marcuschi (2008) sobre gêneros não serem estruturas rígidas.

Essa manipulação efetiva a “junção de traços de diversos gêneros consolidados, porém, com um significado novo, muito próprio das redes sociais” (NASCIMENTO; CONCEIÇÃO; LIMA-NETO, 2020, p. 21) e consolida o *tweet* como um gênero emergente, compreendido por Marcuschi (2008) como “projeções ou “transmutações” de outros como suas contrapartes prévias” (MARCUSCHI, 2008, p. 202) mediadas pela tecnologia computacional. Sob esse viés, além de não ter direção temática, o *tweet* reelabora os gêneros porque é uma prática discursiva de natureza maleável e de diferentes características práticas de linguagem – o que pode explicar possíveis traços de oralidade –, sempre em movimento justamente porque os propósitos comunicativos também são diversificados.

### **3. A língua portuguesa como a língua que (des)une**

Na obra *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*, Mattos e Silva (2004) expõem um grande fator de história externa que conduz à definição do Brasil como país de língua portuguesa: em 1757, a fim de instruir o comportamento do colonizador no que se refere às populações indígenas, a Coroa portuguesa, por meio do Diretório do Marquês de Pombal, proibiu o uso da língua geral e definiu o português como língua de colônia, em terras brasileiras. Com essa medida, os portugueses obrigaram seu uso na documentação oficial e implementaram o ensino leigo da língua no Brasil, antes restrito à Companhia de Jesus, que foi expulsa do país.

Consideradas como obstáculos no processo de assimilação linguística e cultural, as línguas indígenas, locais, foram usadas como alvo de dominação pela sociedade dominante. Na colonização evangelizadora dos séculos XVI e XVII, a língua portuguesa, língua de expansão no período da Expansão Marítima Europeia, passou a desempenhar papel de

língua de subjugação cultural com a política linguística pombalina (MIRA MATEUS, 2002) no século XVIII. Com essa difusão e implantação no Brasil, o processo de contato sócio-histórico e linguístico – entre a língua portuguesa e as demais línguas que aqui se encontraram – provocou uma “interação secular, complexa e diversificada” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 13).

Em decorrência da complexidade e da diversidade que marcam a constituição do português no Brasil, advindas da própria construção étnica brasileira, a língua portuguesa foi reconhecida e rotulada como a língua oficial do país, devido à sua majoritariedade, pelo artigo 13 da Constituição da República Federativa de 1988. Isso, considerado um avanço político e linguístico por Mattos e Silva (2004), deixa evidente que o Brasil, território de dimensão continental e de heterogeneidade étnica, não pode ser considerado um país monolíngue, como se tentou no sistema colonial, mas multilíngue dado os fatores sócio-históricos, demográficos, linguísticos do passado e do presente.

Dada a realidade plurifacetada da língua do Brasil, Orlandi (2009) afirma que, na transposição da língua portuguesa para país, houve um novo processo de historicização. Para a autora, a língua foi inserida em um contexto de relações sociais, políticas e culturais díspares e tomada como instrumento de interação por sujeitos com experiências diversas, com sua memória local, o que fez com que seu uso começasse a fazer sentido de uma outra forma substanciada. Formada uma língua diferente do lado de cá do Atlântico, dá-se, então, a descolonização linguística – processo que, segundo a linguista, ocorre em todos os países de colonização portuguesa.

Essa perspectiva dialoga com a ideia da socióloga portuguesa Maciel (2010). A autora elucida que a língua portuguesa, no processo de contato, foi transformada à medida que cada povo a assimilou e/ou integrou em suas particularidades locais. Logo, a língua portuguesa do Brasil nunca refletirá a língua de Portugal e, por isso, não deve ser comparada como se houvesse uma equivalência direta. À vista disso, Faraco (2016) sugere ser possível pensar em duas línguas distintas quando comparadas as diferenças entre as línguas utilizadas nos dois países, sobretudo em termos de economia, política, comunicações e trocas e presença cultural.

Meisnitzer (2019), desse modo, acredita ser necessário pensar em dois sistemas para o funcionamento do português europeu e do português brasileiro, já que as diferenças são de caráter estrutural profundo. Têm-se,

assim, a configuração do conceito de pluricentrismo: “dois sistemas com pelo menos uma relativa autonomia relativamente um ao outro que se desenvolveram dentro da mesma língua histórica, revelando ainda um grau significativo de semelhança” (MEISNITZER, 2019, p. 22), o que faz com que os falantes brasileiros e portugueses consigam estabelecer comunicação. O português é, portanto, uma língua pluricêntrica por apresentar, dentre as demais, o português brasileiro e português europeu como duas variedades.

Diante desse panorama linguístico, o pluricentrismo provoca em Faraco (2016) uma reflexão sobre o compartilhamento da língua. O linguista brasileiro sugere que esse compartilhamento se dá apenas no imaginário lusófono em razão dos percursos históricos e culturais divergentes, ou seja, a partilha se dá apenas no campo teórico. Essa questão, por sua vez, estremece a noção de homogeneidade linguística no mundo luso-brasileiro, sobretudo depois da independência brasileira contra o colonialismo alcançada em 1822, afinal, que unidade é essa frente aos sistemas heterogêneos resultantes do contato do português com línguas locais, responsável pelo afastamento da base cultural comum?

#### **4. Linguística Sistêmico-Funcional**

Instaurada na década de 60, a Linguística Sistêmico-Funcional<sup>8</sup> (doravante LSF) se propõe a explorar as escolhas linguísticas feitas diante do que o sistema linguístico disponibiliza em um determinado contexto de situação e como essas escolhas produzem significado. Preocupado em organizar a língua como um sistema, Halliday (1994) evidencia o caráter sociosemiótico da teoria ao destacar a importância de se encarar o texto como ponto de partida. Assim, busca investigar, de acordo com Vian Jr. (2001), o contexto em que é produzido e os participantes que nele estão, bem como a maneira como esses participantes organizam o texto para a comunicação para que, enfim, os significados sejam revelados.

Esses significados podem ser criados, compreendidos e desvelados, pois se entende que a língua é usada para suprir as necessidades de expressão daqueles que a utilizam. A partir disso, a LSF se encarrega de

---

<sup>8</sup> A LSF teve como idealizador o linguista britânico Michael Halliday, nos anos 50, e foi encorpada no inglês. No entanto, por considerar íntima e direta a relação do texto com o contexto social, é considerada uma teoria em desenvolvimento em decorrência dos desdobramentos e ampliações em diferentes línguas nos últimos anos, como na língua portuguesa.

explicá-la a partir de suas funções na vida social – intrinsecamente relacionadas às variáveis contextuais (Cf. FUZER; CABRAL, 2014) – porque a linguagem, conforme explica Gouveia (2009) com base na teoria hallidayana, desempenha três funções fundamentais além da função comunicativa:

[...] a linguagem serve para expressarmos conteúdo, para darmos conta da nossa experiência do mundo, seja este o real, exterior ao sujeito, seja este o da nossa própria consciência, interno a nós próprios; mas a linguagem serve também para estabelecermos e mantermos relações sociais uns com os outros, para desempenharmos papéis sociais, incluindo os comunicativos, como ouvinte e falante; e, por fim, a linguagem providencia-nos a possibilidade de estabelecermos relações entre partes de uma mesma instância de uso da fala, entre essas partes e a situação particular de uso da linguagem, tornando-as, entre outras possibilidades, situacionalmente relevantes. (GOUVEIA, 2009, p. 15)

Nesse sentido, a cada situação comunicativa, essas três funções ocorrem simultaneamente. Declaradas, na LSF, como metafunções, termo adotado para sugerir que função é uma componente nuclear na totalidade da teoria (Cf. GOUVEIA, 2009), são classificadas, respectivamente, como metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual. A primeira trata da representação de experiências e do mundo e é realizada na variável campo; a segunda, foco deste trabalho, concentra-se nos significados de atitudes, interação e relações sociais e se expressa na variável relações, e a terceira, que ocorre na variável modo, organiza os significados ideacionais e interpessoais em um todo coerente.

A LSF, à vista disso, associa redes de sistemas de escolhas de caracterização semântica aos significados produzidos. Ao reconhecer que todas as escolhas passam por características da situação e da cultura nas quais são produzidas (Cf. VIAN JR., 2001), oferece uma rica contribuição para a análise textual porque permite que tudo que acontece na língua seja explicado por meio da gramática. Assim, além de ser uma teoria de descrição gramatical sobre os usos da língua, oferece um modelo de análise linguística ao disponibilizar instrumentos de descrição com base nas metafunções (Cf. GOUVEIA, 2009).

#### ***4.1. Metafunção interpessoal***

No processo de interação pela linguagem, os falantes da língua a utilizam para que as relações sociais sejam estabelecidas e os papéis sociais, cumpridos. Considerando essa função, a linguagem é encarada co-

mo ação (Cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), uma vez que os sujeitos agem conforme suas necessidades a cada propósito comunicativo. Do ponto de vista interpessoal, a oração é parte da interação entre falante e ouvinte e toma diferentes formas “consoante a natureza daquilo que está a ser trocado” (GOUVEIA, 2009, p. 35). Assim, na metafunção interpessoal, um falante, por meio de elementos linguísticos, age sobre o outro de acordo com suas crenças e realidade e, conseqüentemente, troca a partir de dois papéis fundamentais: dar e solicitar.

Nessa troca interativa, o processo que ocorre é compensatório, já que, para Halliday (1994), dar implica receber e pedir ou solicitar implica dar, no sentido de agir, em resposta. Quando a linguagem é usada para troca de informação, o retorno se dá também mediante a linguagem, ou seja, o interlocutor age pela linguagem. Ao desempenhar um papel verbal sobre algo que se pode argumentar, tem-se, assim, uma proposição. No entanto, o que se entende como resposta não é necessariamente o que ocorre em uma troca verbal. Quando a linguagem é usada para troca de bens e serviços, busca-se influenciar o comportamento do outro, isto é, a linguagem é usada como instrumento de ação. Não sendo possível negar ou afirmar por meio da linguagem, tem-se uma proposta.

A distinção entre proposição e proposta é de extrema importância, assim como defende Gouveia (2009), pois, dependendo da função que a troca desempenha, evidencia-se de que forma a linguagem é utilizada para agir sobre o outro. Para isso, a metafunção interpessoal conta com o Sistema de MODO, responsável por realizar, no nível léxico-gramatical, as proposições e propostas. Nele, manifestam-se os significados interpessoais, torna-se possível observar as maneiras pelas quais os sujeitos estruturam orações para interagir uns com os outros e verificar os recursos da polaridade e modalidade, categoria que aqui interessa, disponíveis no sistema linguístico.

##### **5. A categoria discursiva modalidade na LSF**

A maioria dos estudiosos considera, de acordo com Schlee (2001), que a categoria discursiva modalidade começa pelo reconhecimento dos diferentes modos de interação, que se realizam em modos oracionais: interrogativo, declarativo e imperativo. Assim, por já estar inserido em uma interação, o falante utiliza, mesmo que inconscientemente, a modalidade ao produzir seu discurso, uma vez que tudo que se fala parte de suas percepções acerca da realidade, de suas próprias convicções. Por es-

sa razão, Gouveia (2009) considera a modalidade um subsistema fundamental dentro da componente interpessoal da gramática fundamental.

No que diz respeito a isso, a modalidade, conforme Halliday e Mathiessen (2014), interpreta o espaço de incerteza que fica entre o sim e o não. Como as reações e as opiniões podem se situar em níveis intermediários, a modalidade é o recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus. Pode ser definida, dessa maneira, como a categoria discursiva responsável pela “tradução do julgamento/opinião das probabilidades, ou das obrigações, que envolvem o que se está a dizer” (GOUVEIA, 2009, p. 47), ou seja, por evidenciar o ponto de vista assumido pelo falante em relação a determinado assunto durante a realização de seu discurso, manifestando atitudes, avaliações, intenções, sentimentos e julgamentos no discurso.

Segundo Schlee (2007), esse juízo de valor feito por um falante da língua durante o discurso é a sustentação do Sistema de MODO de Halliday (1994), porque a modalidade foca na maneira como os falantes/escritores assumem uma posição. Vinculada à distinção entre proposições e propostas, apresenta-se de duas formas: a modalização e a modulação. A modalização se refere à particularidade do sujeito ativo no ato comunicativo e ocorre na proposição, na troca de informações ou de conhecimentos expressos em grau de probabilidade ou usualidade por verbos modais, adjuntos modais e grupos adverbiais. A modulação, por sua vez, exprime um valor de obrigação ou de permissão e acontece em propostas (ofertas e comandos), quando há troca de bens e serviços, pelo verbo modalizador e pelos adjuntos modais.

### ***5.1. As marcas linguísticas de modalidade***

Ao definir a modalidade como a categoria discursiva que abarca o “conjunto de todos os elementos linguísticos ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do falante/escritor com relação ao discurso” (SCHLEE, 2007, p. 1007), Schlee (2011) assegura que, além da opção por um tipo frasal – ou modo oracional –, há outras marcas explícitas e detectáveis, ou seja, elementos gramaticais ou lexicais por meio dos quais o falante manifesta seu juízo de valor.

No que diz respeito a isso, Fuzer e Cabral (2014) afirmam que a valoração do falante em relação ao enunciado pode resultar de diferentes

escolhas linguísticas, ou seja, de diferentes elementos linguísticos que realizam a metafunção interpessoal. Assim, em uma adaptação da teoria hallidayana, as autoras apresentam os recursos linguísticos da interpessoalidade em língua portuguesa abaixo resumidos:

- a) vocativo: invocações do locutor durante a situação comunicativa para chamar seu interlocutor à participação na troca conversacional;
- b) expletivos: palavras ou expressões pelas quais o locutor demonstra sua reação ou opinião em relação a alguém ou algo;
- c) verbos modais: formas verbais que evidenciam o grau de comprometimento do locutor em relação a seu discurso;
- d) adjuntos modais: palavras ou expressões que indicam polaridade, modalidade, temporalidade ou modo (que revela atitude ou grau de comprometimento do locutor, por meio dos paradigmas verbais);
- e) adjuntos de comentário: palavras ou expressões que revelam o ponto de vista do locutor, indicando admissão, desejo, opinião, avaliação, predição, solicitação etc.; e
- f) expressões modalizadoras: expressões formadas pelos verbos “ser” ou “estar” acompanhados de adjetivos.

É importante esclarecer, neste momento, que, apesar de o modo imperativo não estar incluído na lista acima, tomou-se como decisão considerá-lo um recurso linguístico de modalidade por ser, conforme as autoras, uma estratégia de sinalização de comando de alta assertividade, enquadrando-se na modulação. A partir dessa lista e dessa consideração, buscou-se identificar as categorias/estruturas materializadas nos *tweets*.

## **6. Análise de corpus**

Com o objetivo de tornar a análise objetiva, o resultado da investigação dos 19 *tweets* foi organizado em tabelas. Nelas, foram apresentados os *tweets*, a nacionalidade de seus respectivos usuários, o tipo de modalidade encontrado, a classificação do recurso linguístico utilizado e a quantificação. Ao fim desse levantamento, há a quantificação dos recursos por nacionalidade.

A análise trabalhou, basicamente, com proposições, uma vez que, na maior parte dos *tweets*, o usuário escritor oferece informações a seu interlocutor sobre a língua portuguesa, o que possibilita que essas informações sejam refutadas ou aceitas. No entanto, é possível encontrar, também, propostas, em uma tentativa clara de influenciar o comportamento do outro, principalmente pelo uso do modo imperativo.

A primeira tabela contém cinco *tweets*: três brasileiros e dois portugueses. Esses *tweets* surgiram como interação após a seguinte motivação: um usuário português compartilhou um *meme* que ilustra a reação dos brasileiros, em relação à própria língua materna, diante dos demais países lusófonos. Esse texto multimodal sugere que há uma resistência por parte dos brasileiros no que diz respeito ao processo histórico que tornou a língua portuguesa oficial no país.

Tabela 1: Sequência de *tweets* 1 (01/03/2021)<sup>9</sup>.

Tweets	Nacionalidade	Tipo de modalidade	Recurso linguístico	Quantidade de recursos
(1) KKKKKKKKKKKKKKKK EU TO <u>MORRENDO DE RIR</u>	Brasileira	Modalização	Adjunto modal de intensidade	1
(2) Morrer de rir é <u>muito português</u> , aí é mais balas perdidas	Portuguesa	Modalização	Adjunto de comentário	1
(3) <u>Vai estudar português, por favor</u>	Brasileira	Modulação   Modalização	Verbo no modo imperativo   Adjunto de comentário	1   1
(4) Eu sou português, és tu que me vais a ensinar?	Portuguesa	-	-	0
(5) Que eu me lembre o líder da língua portuguesa é o Brasil, não Portugal.	Brasileira	-	-	0

A segunda tabela é composta por sete *tweets*: três brasileiros e quatro portugueses. Apresenta a interação que se deu a partir do *tweet* publicado, em língua portuguesa, pelo *youtuber* norte-americano Logan Paul em resposta ao humorista brasileiro Whindersson Nunes. Apesar do *tweet* direcionado a um brasileiro, um usuário português interagiu postando uma bandeira de Portugal e foi enaltecido por uma usuária portuguesa também, que disse que ele sempre interage representando os “tu-gas” (portugueses).

<sup>9</sup> Disponível em: <https://twitter.com/Mariaa21duda/status/1366431761153032198>.

Tabela 2: Sequência de *tweets* 2 (10/03/2021)<sup>10</sup>.

Tweets	Nacionalidade	Tipo de modalidade	Recurso linguístico	Quantidade de recursos
(6) Os zucas ofenderam-se logo A vossa língua não caiu dos céus <u>irmãos</u>	Portuguesa	Modalização	Adjunto modal de temporalidade - Vocativo	2
(7) <u>Estamos tentando</u> varrer pra debaixo do tapete essa origem traumática	Brasileira	Modalização	Verbo modal	1
(8) Ofenderam-se com algo que não tem nada para ofender, <u>só se fala português lá</u> sabes como é	Portuguesa	Modalização	Adjunto modal de intensidade	1
(9) Fala direito <u>seus sequelados!</u>	Brasileira	Modulação   Modalização	Verbo no modo imperativo   Vocativo	1   1
(10) <u>Scr</u> meu pai preciso de um tradutor	Portuguesa	Modalização	Expletivo - vocativo	2
(11) <u>DEVOLVE O OURO</u>	Brasileira	Modulação	Verbo no modo imperativo	1
(12) <u>amor</u> eu se tivesse ouro eu dava-te, mas nem para mim	Portuguesa	Modalização	Vocativo	1

Na terceira tabela, com quatro *tweets* brasileiros e três portugueses, tem-se uma interação a partir do *tweet* postado por um brasileiro, que expôs a sua visão apenas por texto escrito sobre a nomenclatura que deveria ser adotada para fazer referência à língua oficial do Brasil.

Tabela 3: Sequência de *tweets* 3 (21/04/2021)<sup>11</sup>.

Tweets	Nacionalidade	Tipo de modalidade	Recurso linguístico	Quantidade de recursos
(13) a língua portuguesa <u>na vdd deveria</u> se chamar língua brasileira em portugal eles <u>deviam</u> falar brasileiro europeu	Brasileira	Modalização	Adjunto de comentário – Verbo modal – Verbo modal	3
(14) <u>Arranjem</u> outro idioma para vocês, <u>estejam</u> à vontade... Este é nosso e é português.	Portuguesa	Modulação	Verbos no modo imperativo	2
(15) Ent a gente fala brasileiro e vcs <u>falem</u> portugues	Brasileira	Modulação	Verbo no modo imperativo	1
(16) Não. O brasileiro não existe. Vocês falam português com sotaque. Se não querem, tudo bem, <u>criem</u> o vosso idioma e <u>chamem-lhe</u> o que quiserem.	Portuguesa	Modulação	Verbos no modo imperativo	2
(17) <u>Acho</u> que roubou o ouro e esqueceu de pegar a interpretação ne, eu falei que vcs iriam falar portugues e so, a gente fala brasileiro e <u>simple</u>	Brasileira	Modalização	Verbo modal – Expressão modalizadora	2
(18) Nós neste momento estamos a conversar em português. A língua brasileira não existe, mas força! <u>Facam</u> uma língua nova.	Portuguesa	Modulação	Verbo no modo imperativo	1
(19) Vc n disse que a gente pode criar uma diferente? <u>Ent</u> aqui estamos, e vc <u>realmente</u> n entendeu, eu disse que a gente fala brasileiro (criar) e vcs <u>falem</u> portugueses	Brasileira	Modalização   Modulação	Adjunto modal de intensidade – Adjunto modal de obviedade   Verbo no modo imperativo	2   1

<sup>10</sup> Disponível em: [https://twitter.com/dotto\\_pedro/status/1369783108371968005](https://twitter.com/dotto_pedro/status/1369783108371968005).

<sup>11</sup> Disponível em: <https://twitter.com/cleytxn/status/1384947324779180034>.

Agora, com o conhecimento dos tipos de modalidade e dos recursos linguísticos empregados, apresenta-se uma análise quantitativa do resultado dos recursos, a qual permitirá chegar a uma análise mais concreta sobre as apreciações veiculadas por esses falantes no discurso.

Tabela 4: Recursos por nacionalidade.

Nacionalidade	Recursos linguísticos de modalidade							TOTAL
	Vocativo	Expletivo	Verbos modais	Adjuntos modais	Adjuntos de comentário	Expressões modalizadoras	Modo imperativo	
Brasileira	1	0	4	3	2	1	5	16
Portuguesa	3	1	0	2	1	0	5	12

Com base nesses dados, constata-se que os *tweets* postados por usuários brasileiros apresentam maior recorrência dos elementos linguísticos que realizam a metafunção interpessoal. Dentre os mais empregados, destacam-se o modo imperativo e os verbos modais, seguidos, respectivamente, dos adjuntos modais, adjuntos de comentário, vocativo e expressões modalizadoras. Já nos *tweets* portugueses, encontram-se, em maioria, o uso do modo imperativo, o vocativo e os adjuntos modais, de maneira igualitária, e, em seguida, o uso do expletivo.

Em mesma quantidade, o uso do modo imperativo pelos usuários das duas nacionalidades provoca, imediatamente, a reflexão sobre o caráter pluricêntrico da língua portuguesa e dos dois sistemas para o seu funcionamento. Nos *tweets* em português brasileiro, marcados por marcas de oralidade e de informalidade, é predominante a substituição das formas imperativas por formas no presente do indicativo, como maneira de atenuar rudeza com a qual as ordens são dadas. Por outro lado, nos *tweets* em português europeu, são usadas formas do subjuntivo para expressar o imperativo, o que, além de indicar maior formalidade, evidencia rispidez ao se referir à variável da língua do Brasil.

Outro ponto relevante é o uso dos adjuntos modais nas duas variedades da língua portuguesa. Em português brasileiro, foi possível identificar duas ocorrências de adjuntos modais de intensidade, (1) e (19), e um de obviedade, também em (19). Em português europeu, o valor de intensidade também é encontrado em (8), destaca-se o de temporalidade em (6), e o de obviedade não é usado.

Ademais, é importante considerar a escolha dos verbos modais nos *tweets* em português brasileiro e a sua ausência nos *tweets* em português europeu. Expressando ao mesmo tempo, em (7), (13) e (17), certeza

e valor de tempo futuro, esse recurso sugere que as mensagens construídas pelos brasileiros são menos enérgicas, como se houvesse certa polidez ao se colocar diante dos portugueses quanto à língua.

Em menor escala, há o uso do vocativo, mais presente nos *tweets* portugueses, que revela certo grau de ironia na interpelação e na evidência do interlocutor. Em seguida, devem ser considerados os adjuntos de comentário, recurso pouco usado para exprimir as particularidades de posicionamento desses falantes em relação à proposição como um todo. Nessa mesma direção, encontram-se apenas uma ocorrência das expressões modalizadoras, no português brasileiro, e uma de expletivo, em português europeu.

## 7. Considerações finais

Apesar das marcas de oralidade, da maleabilidade das motivações comunicativas e da restrição espacial de escrita inerentes ao gênero textual emergente *tweet*, constatou-se que, sem grandes diferenças entre os usos dos recursos linguísticos de modalidade nas duas variedades da língua portuguesa, os usuários brasileiros, por meio do modo declarativo, utilizam mais esses elementos. De forma a agir sobre o outro no âmbito das relações sociais, os brasileiros expressaram os significados relacionados ao julgamento que fizeram da existência de suas particularidades locais da língua portuguesa, reconhecendo a autonomia do que Orlandi (2009) entende como descolonização linguística. Enquanto isso, os portugueses utilizaram os recursos para reforçar a ideia colonialista de homogeneidade e compartilhamento linguístico.

Sem dúvidas, a análise desenvolvida não pretendeu esgotar o assunto abordado. Em um *corpus* consideravelmente maior de *tweets* escritos em língua portuguesa, pode ser possível encontrar resultados mais significativos no que diz respeito aos recursos linguísticos de modalidade em situações comunicativas sobre as variedades da língua. De qualquer modo, espera-se que, por meio do *tweet*, gênero emergente, como uma prática discursiva com potencial de propagação de informação e de opinião, este trabalho tenha contribuído não só para as discussões sobre a natureza pluricêntrica do português, mas também para a ampliação dos estudos com base na Linguística Sistêmico-Funcional, que forneceu os instrumentos para a descrição das duas variedades da língua portuguesa e das escolhas linguísticas carregadas de significado na participação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; DIOGUARDI, Gabriela. *Argumentação nas redes sociais: o tweet – caracterização e funcionamento*. *Contra Ponto*, v. 3, n. 3, p. 70-92, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/article/view/6524/pdf>. Acesso em: 13 de maio de 2021.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

COSTA, Sayonara Melo. *Tweet: reelaboração de gêneros em 140 caracteres*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. 119f.

FARACO, Carlos Alberto. Lusofonia: utopia ou quimera? Língua, história e política. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Orgs). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [on-line]*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 31-50

\_\_\_\_\_. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola, 2016. 400p.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2014.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S.l.], v. 16, n. 24, jun. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/2727795>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

HALLIDAY, Michael. A. K. *An Introduction to functional grammar*. Hodder Education, 1994.

HALLIDAY, Michael. A. K; MATHIESSEN, Christian. M. I. M. *An introduction to function grammar*. 4. ed. London: Routledge, 2014.

MACIEL, Carmen. *A Construção da Comunidade Lusófona a partir do Antigo Centro: Micro-comunidades e práticas da lusofonia*. Dissertação (Doutoramento em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A.C. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 13-67

MARTINS, Moisés de Lemos. A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais. *Letrônica – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS*, v. 11, n. 1, p. 3-11, janeiro-março 2018.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MEISNITZER, Benjamin. O Português como língua pluricêntrica. In: CHRISTIAN, K.; REIMANN, D. (Eds). *As variedades do português no ensino do português língua não materna*. Tübingen: Narr Francke Attempto, 2019. 225p.

MIRA MATEUS, Maria Helena. Unidade e diversidade da língua portuguesa. In: \_\_\_\_\_. *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002. p. 15-25

NASCIMENTO, Isadora de Oliveira; CONCEIÇÃO, Valdenízia da; LIMA-NETO, Bezerra e Vicente de. Como identificar Fake News: Ensino do Gênero Notícia através do Twitter. *Grau Zero – Revista de Crítica Cultural*, v. 8, n. 1, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: RG, 2009.

RECUERO, R; ZAGO, G. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, v. 12, n. 02, p. 69-81, maio/ago. 2010.

SCHLEE, Magda. Bahia. O finito e a modalidade em editoriais de jornal. In: 33<sup>rd</sup> International Systemic Functional Congress, 2007, São Paulo. *Proceedings of the 33<sup>rd</sup> International Systemic Functional Congress*, 2007. p. 1007-20

\_\_\_\_\_. Breve abordagem da categoria discursiva modalidade. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, v. 9, p. 157-69, 2011.

SILVA, Glayse Ferreira Perroni da. *O Twitter como um novo gênero digital para o ensino de língua materna a partir de uma análise textual e discursiva do gênero literário* microconto. 2013. 157f. Disponível em:

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

<http://repositorio.unitau.br/jspui/bitstream/20.500.11874/771/1/Glayse%20Ferreira%20Perroni%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 6 de maio de 2021.

VIAN JR, Orlando. Sobre o conceito de gêneros do discurso: diálogos entre Bakhtin e a linguística sistêmico-funcional. In: BRAIT, B. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2001. p. 147-61